

Como se livrar de um

vampiro apaixonado

BETH FANTASKEY



SEXTANTE
FICÇÃO

*Para meus pais –
Donald e Marjorie Fantaskey*

“Lembrem-se, garotas: o vampiro jovem é um predador por natureza. Alguns podem vê-las não apenas como parceiras, mas como presas...”

Crescendo como morto-vivo – Um guia para o vampiro adolescente sobre namoro, saúde e emoções, Capítulo 1: “Prestes a se tornar um vampiro adulto”.

CAPÍTULO I

Na primeira vez que o vi, uma névoa pesada e cinzenta parecia se agarrar ao milharal, com faixas de neblina deslizando entre as plantas quase mortas. Era um início de manhã sombrio e eu estava esperando o ônibus escolar para o primeiro dia de aula, cuidando da minha vida, parada no fim da estradinha de terra que liga a casa de fazenda onde moro à estrada principal que leva à cidade.

Eu pensava em quantas vezes, nos últimos 12 anos, tinha esperado aquele ônibus. Estava fazendo cálculos de cabeça quando notei a presença dele.

Então, de repente, aquele trecho familiar de asfalto pareceu terrivelmente desolado.

Ele estava parado sob uma enorme faia que ficava do outro lado da estrada, os braços cruzados na frente do peito. Os galhos baixos e retorcidos da árvore se enroscavam em volta dele, camuflando-o sob ramos, folhas e sombras. Mesmo assim dava para ver que ele era alto e usava botas e um sobretudo escuro que parecia uma capa.

Senti um aperto no peito e engoli em seco. *Que tipo de pessoa fica parada debaixo de uma árvore, ao amanhecer, no meio do nada, usando uma capa preta?*

Ele deve ter percebido que eu o notei, porque se mexeu um pouco, como se decidisse se deveria ficar ou ir embora. Ou atravessar a estrada.

Eu nunca havia me tocado de como ficara vulnerável todas aquelas manhãs, esperando sozinha ali fora, mas, naquele momento, essa constatação me atingiu como um soco no estômago.

Percorri com os olhos toda a extensão da estrada, o coração martelando. *Cadê aquele ônibus idiota? E por que, afinal, meu pai precisa ser tão a favor do transporte coletivo? Por que não posso ter um carro, como quase todo colega do último ano do ensino médio? Mas, não, eu tinha que “compartilhar a viagem” para salvar o meio ambiente. Quando eu for sequestrada pelo cara*

ameaçador que está debaixo da árvore, é capaz de papai insistir para que minha foto de desaparecida seja impressa apenas em papel reciclado.

Na preciosa fração de segundo que perdi sentindo raiva do meu pai, o estranho saiu de onde estava, debaixo da árvore, e se moveu na minha direção. E no momento exato em que o ônibus, graças a Deus, surgiu no topo do morro uns 50 metros adiante, eu poderia jurar que o ouvi dizer “Antanasia”.

Meu antigo nome... O nome que recebi ao nascer, na Europa oriental, antes de ser adotada e trazida para os Estados Unidos, onde fui rebatizada como Jessica Packwood...

Ou talvez eu estivesse ouvindo coisas, porque a palavra foi abafada pelo som de pneus sibilando no asfalto molhado, por engrenagens rangendo e pelo chiado da porta que o motorista, o velho Sr. Dilly, abria para mim. *Eu te amo, ônibus número 23.* Nunca me senti tão feliz por entrar nele.

Com seu grunhido usual, “Dia, Jess”, o Sr. Dilly engrenou o ônibus e eu fui cambaleando pelo corredor, enquanto procurava um lugar vazio ou um rosto amigo em meio aos passageiros sonolentos. Às vezes era um saco morar na zona rural da Pensilvânia. Os adolescentes da cidade ainda deviam estar dormindo àquela hora, na segurança de suas camas.

Encontrei um assento bem no fundo e me deixei cair, com um suspiro de alívio. Será que estava exagerando? Talvez eu estivesse imaginando coisas ou minha cabeça estivesse confusa de tanto assistir àquele programa sobre os bandidos mais procurados do país. Ou, talvez, o estranho quisesse mesmo me fazer mal. Girando o pescoço, dei uma espiada pela janela de trás e... meu coração se apertou.

Ele continuava lá, mas agora estava na estrada, cada uma de suas botas plantadas de um lado da faixa amarela, os braços ainda cruzados, observando o ônibus se afastar. Olhando para mim.

“Antanasia...”

Será que eu tinha mesmo escutado o cara me chamar usando aquele nome esquecido havia tanto tempo?

E se ele conhecesse esse fato obscuro, o que mais aquele estranho de cabelos escuros escondido em meio à névoa saberia sobre meu passado?

Mais do que isso: o que ele estava querendo comigo *no presente*?

CAPÍTULO 2

– **Q**uer ouvir um resumo do verão que passei na colônia de férias? – perguntou minha melhor amiga, Melinda Sue Stankovicz. Ela deu um suspiro, abriu a pesada porta de vidro da Escola Woodrow Wilson e disse: – Crianças com saudade de casa, queimaduras de sol, urticária e aranhas enormes nos chuveiros.

– Parece que foi horrível trabalhar de monitora – comentei, solidária, ao entrarmos no corredor familiar, que cheirava a desinfetante e cera recém-aplicada. – Se serve de consolo, eu ganhei pelo menos dois quilos trabalhando de garçonne. Comia um pedaço de torta sempre que tinha uma folga.

– Você está com um corpão. – Mindy não deu bola para minha reclamação. – Já seu cabelo...

– Ei! – protestei, alisando meus cachos desobedientes, que pareciam mesmo estar se rebelando na umidade do fim de verão. – Fique sabendo que passei uma hora com o secador e usei um “bálsamo de alisamento” que me custou uma semana de gorjetas... – Parei de falar ao perceber que Mindy estava distraída, sem me escutar. Acompanhei seu olhar pelo corredor, na direção dos armários.

– E por falar em corpão... – disse ela.

Jake Zinn, que morava numa fazenda perto da minha, lutava com o novo segredo do seu armário. Franzindo os olhos para um pedaço de papel na mão, girou o disco e chacoalhou a maçaneta. Uma camiseta branca nova em folha fazia seu bronzado de verão parecer especialmente intenso. As mangas se apertavam ao redor dos bíceps volumosos.

– Jake está *incrível* – sussurrou Mindy enquanto nos aproximávamos do meu vizinho. – Deve ter entrado para uma academia ou sei lá o quê. E não é que ele fez luzes?

– Ele juntou fardos de feno o verão inteiro sob o sol, Min – sussurrei de volta. – Ele não precisa de academia. Nem de água oxigenada no cabelo.

Jake levantou os olhos enquanto passávamos e sorriu ao me ver.

– Oi, Jess.

– Oi – respondi. Depois me deu um branco.

Mindy se intrometeu e evitou um silêncio constrangedor.

– Parece que deram o segredo errado a você – disse ela, apontando com a cabeça na direção do armário de Jake, ainda fechado. – Já tentou dar um chute nele?

Jake ignorou a sugestão.

– Você não trabalhou ontem à noite, Jess?

– Não, saí da lanchonete. Era só um emprego de verão.

Ele pareceu meio desapontado.

– Ah. Bem, então acho que vou ver você só na escola.

– É. Com certeza vamos fazer algumas matérias juntos – completei, sentindo minhas bochechas esquentarem. – A gente se vê.

Praticamente arrastei Mindy pelo corredor.

– Que papo foi aquele? – perguntou ela quando nos afastamos. Ela olhou para Jake por cima do ombro.

Meu rosto ficou ainda mais quente.

– Como assim?

– Jake todo triste porque você saiu da lanchonete. Você ficando vermelha...

– Ih, nada a ver. Ele apareceu umas vezes perto do fim do meu turno e me deu carona para casa. A gente conversou um pouco... E eu *não* estou vermelha.

– Verdade? – O sorriso de Mindy era presunçoso. – Você e Jake, hein?

– Não foi nada de mais – insisti.

Os olhos de Mindy brilhavam. Ela sabia que eu não estava sendo completamente sincera.

– Esse ano vai ser bem interessante – previu ela.

– E por falar em interessante...

Ia começar a contar à minha melhor amiga sobre o estranho amedrontador no ponto de ônibus, mas, no momento que pensei nele, os pelos da minha nuca se eriçaram, quase como se eu estivesse sendo vigiada.

“*Antanasia...*”

A voz grave e profunda ecoou no meu cérebro, como se fosse um daqueles pesadelos de que não nos lembramos muito bem ao acordar.

Cociei a nuca. Talvez eu contasse a história a Mindy mais tarde. Ou talvez

a coisa toda simplesmente sumisse da minha memória e eu nunca mais voltasse a pensar no cara.

Era provavelmente o que iria acontecer.

Mas a sensação esquisita não passou.

CAPÍTULO 3

– *Esta matéria será muito estimulante* – prometeu a Sra. Wilhelm, borbulhando de entusiasmo enquanto entregava a lista de leitura de literatura inglesa do terceiro ano, que ia de Shakespeare a Bram Stoker. – Vocês vão simplesmente adorar os clássicos que escolhi. Preparem-se para um ano de sagas épicas, romances de acelerar o coração e confrontos de grandes exércitos. Tudo isso sem precisar pôr os pés para fora da Escola Woodrow Wilson.

Pelo jeito nem todo mundo ficou tão extasiado com confrontos de exércitos e corações acelerados quanto a Sra. Wilhelm, porque ouvi um monte de gemidos enquanto a lista circulava pela turma. Minha cópia chegou pelas mãos de meu eterno tormento, Frank Dormand, que havia se sentado na carteira à minha frente como uma enorme bola de gosma. Fiz uma avaliação rápida da lista. *Ah, não. Ivanhoé, não. E Moby Dick... quem tinha tempo para Moby Dick? Este deveria ser o ano em que eu teria uma vida social. Para não mencionar Drácula... dá um tempo.* Se havia uma coisa que eu odiava eram historinhas macabras sem qualquer embasamento na realidade ou na lógica. Esse era o território dos meus pais e eu não tinha interesse em entrar nele.

Lancei um olhar rápido para Mindy, sentada do outro lado do corredor, e vi pânico e sofrimento nos olhos dela também.

– “Uivantes”? Essa palavra existe? – sussurrou ela.

– Não faço ideia – respondi. – A gente procura depois.

– Também quero que vocês preencham esse mapa das carteiras – continuou a Sra. Wilhelm, suas sapatilhas chiando no chão da sala. – O lugar que escolheram para se sentar vai ser o mesmo o ano todo. Estou vendo

alguns rostos novos e quero que vocês conheçam uns aos outros o mais depressa possível, portanto *não troquem de lugar*.

Afundi na cadeira. *Maravilha*. Eu estava destinada a passar um ano inteiro aturando os comentários imbecis e maldosos que Frank Dormand certamente faria sempre que se virasse para entregar alguma coisa. E Faith Crosse, a líder de torcida nojenta, havia ficado com a carteira logo atrás de mim. Eu estava encurralada entre duas das pessoas mais perversas da escola. Pelo menos Mindy estava ao lado. E, olhando para a esquerda, vi que Jake tinha encontrado uma carteira perto da minha. Ele sorriu para mim. Acho que poderia ter sido pior. Mas não muito.

Frank se virou para trás e jogou o mapa dos lugares para mim.

– Pega aí, Pacotão – zombou ele, usando o apelido que me dera no jardim de infância. – Ponha *isso* no mapa.

É. Imbecil e maldoso, exatamente como eu havia previsto. E só faltam 180 dias de aula.

– Pelo menos *eu* sei escrever o meu nome – alfinetei. *Babaca*.

Dormand girou para a frente com uma careta de desprezo e eu enfiei a mão na mochila para pegar uma caneta. Quando fui escrever o nome, vi que a caneta estava seca, provavelmente porque tinha ficado sem tampa o verão inteiro. Dei uma sacudida nela e tentei de novo. Nada.

Comecei a me virar para a esquerda, achando que talvez Jake pudesse me emprestar uma caneta. Mas, antes mesmo de pedir, senti um tapinha no ombro direito. *Agora não... Agora não...* Pensei em ignorar, mas a pessoa insistiu.

– Com licença, você precisa de um instrumento de escrita?

A voz profunda, com sotaque europeu, vinha de trás. Não tive escolha a não ser me virar.

Não!

Era ele. O cara do ponto de ônibus. Eu teria reconhecido em qualquer lugar a roupa estranha – o sobretudo, as botas –, para não falar de sua *altura* imponente. Só que dessa vez ele estava bem perto. O bastante para eu ver seus olhos. Eles eram tão escuros que pareciam negros e se cravavam em mim com um jeito tranquilo e um tanto irritante. Engoli em seco, congelada na cadeira.